

TRANSDICIPLINARIDADE MENTAL: OBSERVAR, PARTICIPAR, CONHECER E AGIR, UMA GROUNDED THEORY BIOGRÁFICA

MENTAL TRANSDIPLINARITY: OBSERVE, PARTICIPATE, KNOW AND ACT, A GROUNDED THEORY BIOGRAPHIC

Claudia Tietsche 

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC
Florianópolis, SC, Brasil
claudia.tietsche@gmail.com

Resumo. Objetiva-se, por meio dos processos de observar, participar, conhecer e agir, refletir sobre a liberdade e as limitações da transdisciplinaridade mental no desenvolvimento de uma teoria fundamentada. Este material escrito se organiza em quatro seções: a primeira destrincha o que pretendo com a nomenclatura transdisciplinaridade mental, a segunda dialoga com a observação participante etnográfica, a terceira relaciona-se com a pesquisa-ação e a última caracteriza, a partir das anteriores, a grounded theory biográfica. Um orientador desafiador, uma banca desafiadora, autores provocativos são sempre semeadores de questionamento, de movimento, para que o novo tenha oportunidade de surgir em um processo ativo e o campo das escolhas se oportunize para que o cultivemos com férteis sementes, para que outros saboreiem de seus frutos, e, se considerarem prudente, reutilizem as sementes que estes frutos guardam.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade; Educação; Pesquisa; Metodologia.

Abstract. The objective is, through the processes of observing, participating, knowing and acting, to reflect on the freedom and limitations of mental transdisciplinarity in the development of a grounded theory. This written material is organized into four sections: the first unravels what I want with the mental transdisciplinary nomenclature, the second dialogues with ethnographic participant observation, the third relates to action research and the last characterizes, from the previous ones, a biographical grounded theory. A challenging advisor, a challenging banker, provocative authors are always sowers of questioning, of movement, so that the new has the opportunity to emerge in an active process and the field of choices is made possible for us to cultivate it with fertile seeds, for others to savor of their fruits, and, if they consider it prudent, reuse the seeds that these fruits keep.

Keywords: Transdisciplinarity; Education; Research; Methodology.

INTRODUÇÃO

Os estudantes dos programas de pós-graduações brasileiras deparam-se com dilemas diversos em suas jornadas acadêmicas, mas convergem no desafio da escolha sobre qual metodologia utilizar. A oferta é vasta, só na pesquisa qualitativa é possível encontrar expressões do tipo: etnográfico; observação participante; trabalho de campo; fenomenológico; dados qualitativos; Escola de Chicago; interação simbólica; documentário; perspectiva interior; história de vida; naturalista; estudo de caso; etnometodológico; ecológico; descritivo; êmico (BODGDAN; BIKLEN, 1994).

As publicações sobre as possibilidades de abordagens metodológicas nos ajudam a alcançar um norte, bem como as indicações dos respectivos orientadores; mas o mais curioso são as divergências interpretativas sobre o mesmo método de pesquisa. Tais diferenças fazem parte de uma aprendizagem significativa vital para a preservação da individualidade, porém, impõe-nos escolhas o tempo todo, as quais nem sempre temos maturidade para fazê-las. David Ausubel (2003) defende que a estrutura cognitiva de cada pessoa é única e, portanto, todos os novos significados adquiridos são obrigatoriamente únicos. Propõe que a aprendizagem para ser significativa deve ancorar o novo conteúdo, de forma relevante, não aleatória e não literal, à uma ideia que já fazia parte de nossa história biográfica.

Este texto surge com o objetivo de provocar uma reflexão sobre essa contínua transdisciplinaridade mental, que nos liberta para possibilidades infinitas de construção de conhecimento; mas que também nos limita quando nossas escolhas de fontes e ações não são validadas pela sociedade que fazemos parte. Observar, participar, pesquisar, conhecer e agir são nossos aliados para a validação de nossas escolhas, sem perdermos nossa individual intenção para com elas, “despreocupação metodológica é, geralmente, o primeiro indício de mediocridade científica, pois revela indícios de que a pesquisa tenderá a aceitar qualquer resultado” (DEMO, 2005, p. 23). Abertura ativa para discutir resultados não enviesados pela inicial hipótese sim, superficialidade metodológica, impossível, a primeira desvalida a segunda.

METODOLOGIA E DISCUSSÃO

O caminho metodológico para o desenvolvimento deste artigo partiu de uma reflexão dentro da disciplina de Etnografia e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação de uma universidade federal sobre a perspectiva transdisciplinar proposta por Nicolescu (1997) e as possibilidades de práticas metodológicas que correspondessem para com ela, ao originar a pergunta: De que forma a liberdade de pensamento oportunizada pela transdisciplinaridade mental pode ser administrada dentro das regras acadêmicas inerentes para o desenvolvimento das ciências?

Este trabalho propõe uma relação entre a transdisciplinaridade e o método da Grounded Theory, traduzido como Teoria Fundamentada nos Dados – TFD (CHARMAZ, 2009). Para se discutir o processo da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 2001), passando pela observação participante (MALINOWSKI, 1978), pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985) e alcançando a Grounded Theory (GLASER; STRAUSS, 1967) biográfica, optou-se por uma revisão bibliográfica dos autores fundadores das práticas metodológicas consideradas, por meio de uma abordagem qualitativa segundo Lüdke e André (2011).

Transdisciplinaridade mental

Durante o século XX, a tendência para a hiperespecialização ou fragmentação do conhecimento gera a busca por seu polo antagônico e complementar, ou seja, o desenvolvimento da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. Nesse contexto complexo da segunda metade do séc. XX, surge a pós-modernidade que indaga a simplicidade, a estabilidade e a objetividade. Desse modo, o pensamento da pós-modernidade tende a levar em consideração os pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade (DE VASCONCELLOS, 2003).

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2010), desde meados do séc. XX, surgem movimentos de ruptura com o paradigma científico vigente, o pensamento de Einstein constituiu o primeiro grande rompimento do paradigma moderno, a partir da relatividade e simultaneidade, desconstruindo o rigor das leis de Newton no âmbito da astrofísica. A ciência moderna deixa de ser entendida como única explicação possível da realidade, oportuniza, portanto, o pensamento complexo, a transdisciplinaridade mental, interpretativa.

A pesquisa de Isac Iribarry (2003) realiza um levantamento histórico das origens dos estudos sobre transdisciplinaridade, nele apresenta o Centre International de Recherches et Etudes Transdisciplinaires (CIRET), fundado em 1987, em Paris, com o intuito de desenvolver uma nova abordagem científica e cultural. O Centro é dirigido pelo físico Basarbu Nicolescu e conta com estudiosos de áreas distintas. Nicolescu (2001) define a transdisciplinaridade a partir de seu prefixo “trans”, como aquilo que transcende as disciplinas, que está entre, através e além das disciplinas.

Apesar da dificuldade em se estabelecer a origem precisa da palavra, Nicolescu (2001) relata que o termo transdisciplinaridade foi fruto de uma criação coletiva que se polarizou na obra e personalidade de Jean Piaget, pioneiro na utilização do termo em suas palestras. No congresso “Ciência e Tradição: Perspectivas Transdisciplinares para o Século XXI” (IRIBARRY, 2003, p.486), ocorrido em Paris, de 2 a 6 de dezembro de 1991, destaca-se a revolução conceitual trazida pela física quântica, que desestruturou os vieses tradicionais da realidade determinista, corroborando para o entendimento transdisciplinar. Novas discussões sobre a temática surgem em 1997, de abril a maio, em Locarno, na Suíça, no Congresso Internacional “Que universidade quer para o amanhã? Em busca de uma evolução transdisciplinar da universidade” (IRIBARRY, 2003, p.486).

A perspectiva transdisciplinar parte de uma ontologia de natureza complexa, é um sistema, uma forma de conhecer e uma metodologia aberta, apresenta uma epistemologia onde se encontra a dialógica, a incerteza, a subjetividade e intersubjetividade (MORAES, 2015). As descobertas transdisciplinares, para Nicolescu (1997), dizem respeito à dinâmica da ação de diferentes níveis de realidade, não isentando a escolha autônoma e ativa do que faz sentido para eu conduzir o meu pensamento e ação futuros.

A transdisciplinaridade mental auxilia a superar as fronteiras disciplinares na atuação de um sujeito multidimensional, uma vez que sua lógica não é cartesiana e considera todas as vivências biográficas fundamentais para a produção de conhecimento. De que forma essa tal liberdade de pensamento pode ser administrada dentro das regras acadêmicas inerentes para o desenvolvimento das ciências?

Observação participante

De acordo com Rosa Maria Torres (2001), no Brasil e na América Latina, o modelo de formação como um todo não vem funcionando. Essa autora indica que esses modelos conduzem à uma ignorância explícita, que desconsidera o conhecimento e as experiências biográficas. Ela declara que a tendência hegemônica presente no pensamento do séc. XXI torna inflexível e contradiz a diversidade e autonomia. Um modo de pensamento ciente da diversidade e da autonomia possibilita a consciência da complexidade.

Em tempos de alta demanda informacional, criamos hipertextos constantemente e nossa rede mental é tecida velozmente. A sua resistência de durabilidade/memória depende do material que usamos para tal tecelagem, podemos escolhê-lo aleatoriamente conforme se vive, encontra-se e oferta-se, e/ou, intencionalmente, buscando tensão, reconhecendo o que usamos ou usaram anteriormente e não deu certo ou deu certo; enfim, observando e ao mesmo tempo participando ao se colocar também como sujeito da observação, com nossas redutíveis crenças e naturais vivências. Tensão suficiente para resistir, mas também, interagir, recriar-se, “complexificar-se” por escolha, desculpem-me o neologismo, este é o verbo que melhor expressa a intenção da transdisciplinaridade mental.

Nesta direção, observar e participar ultrapassam as barreiras de uma ciência positivista, e nos apresentam um método de pesquisa inovador para a compreensão do comportamento humano. Quando Bronislaw Malinowski, antropólogo polonês que fundou a escola funcionalista, publicou *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, em 1922, provocou uma revolução na literatura antropológica, ao propor novas técnicas de investigação e novos métodos de interpretação que dialogavam: a objetividade científica com a vivência pessoal. Em seu trabalho de campo de imersão com os nativos das Ilhas Trobriand, que durou cerca de quatro anos, fundamentou o que hoje se intitula observação participante.

Facilmente poderíamos citar muitas obras de grande reputação e cunho aparentemente científico, nas quais se fazem as mais amplas generalizações, sem que os autores nos revelem algo sobre as experiências concretas que os levaram às suas conclusões. Em obras desse tipo, não há nenhum capítulo ou parágrafo destinado ao relato das condições sob as quais foram feitas as observações e coletadas as informações. A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as interferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica (MALINOWSKI, 1978, p.18).

A observação participante proposta por Malinowski (1978), permite ao observador uma coleta de dados repleta de significados, incluindo os inconscientes que ordenam o universo cultural pesquisado. Garante-se desta forma um procedimento analítico consciente da investigação da realidade. Descrever oral ou por escrito o que se vivencia, é uma possibilidade de cristalizarmos o que seria uma memória apenas fluida, de agregarmos materiais mais resistentes à nossa rede, aperfeiçoando nossa argumentação ao coletivo. “A observação participante possibilita formas de interação entre o pesquisador e os sujeitos, permitindo uma abordagem pessoal e abrindo fontes de informação que nenhuma outra técnica tornaria possível” (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p.85), sem descaracterizar um processo intelectual de construção do conhecimento ou de determinação histórico-social, uma vez que ao abordar os sujeitos, um levantamento contextual e bibliográfico já o antecede.

Segundo Ezpeleza e Rockwell (1989) as técnicas não constroem a teoria e nem as teorias determinam mecanicamente as técnicas. Há sempre um movimento entre: os teóricos escolhidos que se afinam com as questões iniciais da pesquisa, por meio do levantamento bibliográfico, que não são exclusivos, metamorfoseiam-se ao longo do desenvolvimento da pesquisa; e, as técnicas que possibilitam o levantamento dos dados empíricos, estas também dialogando com e viabilizando as questões iniciais, de forma contextual à ambiência escolhida. Movimentar teóricos e técnicas a partir de uma determinação histórico-social, envolvendo descrições e explicações, é uma possibilidade de construção intelectual entre o trabalho de campo e a formulação final de uma nova teoria.

Há diferentes níveis de elaboração, comprometidos na própria decisão de ir a campo, escolher a convivência, fazer registros, analisa-los minuciosamente e, sobretudo, pôr em permanente movimento o esforço compreensivo para construir categorias analíticas, categorias que permitam reconstruir teoricamente as instituições que “ordenam” aquelas sociedades (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 89).

A pesquisa acadêmica nos torna autores e também teóricos de, pelo menos uma tentativa de: uma nova discussão, um novo olhar, uma nova prospectiva; portanto, também sujeitos da observação da pesquisa e, conseqüentemente, participantes. Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell (1989, p.39) defendem que a observação participante proporcionou uma volta à observação da interação social em situações “naturais”, um acesso a fenômenos não-documentados e difíceis de serem incorporados às exigências do levantamento e do laboratório. Requer-se uma sensibilidade para com a linguagem e as concepções dos sujeitos estudados, com suas peculiaridades inerentes ao seu ambiente e uma adequação metodológica aos novos problemas e contextos.

Portanto, a convivência e a relação pessoal, possibilitadas pela observação participante, promovem maior aproximação da realidade e detalhamentos dos dados; porém, também, mesmo que se busque uma assinatura autoral, exige um certo afastamento interpretativo de nossas verdades originais, para preservação e movimentação do fenômeno, sem negar a imbricação de nossas/os ideias, ideais.

Pesquisa-ação

Ao considerarmos a pesquisa-ação como um processo de conhecer para agir, necessariamente esta pesquisa se padroniza com todas as demais que exigem um levantamento bibliográfico, mas se diferencia por exigir uma ação social, coletiva, centrada no agir participativo. Enquanto a observação participante considerava o observador como também sujeito na convivência e relação pessoal, a pesquisa-ação dá um passo além, pois requer uma ação que atue e interfira propositivamente no ambiente pesquisado do processo investigativo.

O trabalho de campo da pesquisa-ação não se restringe a um levantamento de dados, há uma relação entre pesquisadores e pesquisados, mas com a intenção, desde o início, de fundamentar a ação social posterior; portanto, uma relação de reciprocidade. Isso significa que uma pesquisa participante do tipo etnográfica com observação participante, pode ao longo do processo se transformar em uma pesquisa-ação, ao propor uma ação social ao ambiente pesquisado, bem como toda pesquisa-ação, necessariamente passa pela observação participante. O que nos possibilita afirmar: toda pesquisa-ação possui em seu processo investigativo a observação participante, mas nem toda observação participante proporrá uma ação social categorizada.

Michel Thiollent (1985) afirma que para a pesquisa ser considerada pesquisa-ação, a ação proposta defina com precisão seus objetivos e obstáculos a partir do conhecimento dos problemas encontrados nela e entre os atores da situação. Esse reconhecimento contextual tem como pré-requisito a interação entre os participantes, pesquisadores e pesquisados, em diálogo aberto, afinados na ampliação da discussão acerca das questões abordadas.

Segundo João Bosco Pinto (1989), sociólogo brasileiro que introduziu no Brasil a pesquisa-ação, sua metodologia é uma sequência lógica e sistemática de passos intencionados, com objetivos que se operacionalizam por meio de instrumentos e técnicas, incluindo um momento de investigação, um de tematização e por último, o de programação/ação. Permite-se desta forma, uma metodologia do "conhecer" e do "agir" da/na realidade social, movimentando aspectos objetivos e subjetivos interdisciplinarmente.

Ao considerar diferentes concepções teóricas e práticas direcionadas a tomada de consciência coletiva para uma ação, também coletiva, acredita-se respeitar os interesses dos envolvidos na pesquisa, ou seja, pesquisadores, pesquisados e comunidade. Mas, assim como na observação participante da pesquisa participante etnográfica, que também é uma grande parcela da pesquisa-ação, a interpretação dos dados perpassa o viés de interesse do pesquisador, jamais totalmente neutro, e, para tanto, sempre vigilante ao fenômeno.

Grounded Theory biográfica

Observar, participar, conhecer e agir, um caminho à teoria fundamentada “biográfica”. Ao tomar como base o método grounded theory, desenvolvido por Barney Glaser e Anselm Strauss (1967), sociólogos da Universidade da Califórnia em San Francisco, no início da década de 1960, fundamentado na necessidade de entender a interação entre pesquisadores e pesquisados, a partir da perspectiva do pesquisado para uma efetiva atuação social; a observação participante etnográfica e a pesquisa-ação encontraram relevantes ecos.

Glaser e Strauss (1967) defendem que o pesquisador deve focar nos fatos e conceitos que emergem do ambiente escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, permitindo que novas hipóteses surjam ou possam ser descartadas ao longo do processo de coleta e análise dos dados, que acontecem desde o início

da pesquisa. É um método comparativo, em que os dados são coletados e analisados constantemente; dados que a princípio possam parecer contraditórios, não são descartados imediatamente, pois poderão enriquecer a formulação da teoria em outro momento do processo. Ou seja, é um método aberto às mudanças que o meio possa proporcionar, sem um enrijecimento à hipótese ou questões iniciais; elas sempre existirão, mas estarão passíveis à mudança. A teoria é fundamentada no processo, por isso chamei de grounded theory “biográfica”.

Construir uma teoria com base nos dados investigados em uma determinada realidade de forma indutiva ou dedutiva, categorizá-los conceitualmente para perceber, compreender e explicar o fenômeno a partir dos significados derivados da interação social, exige do pesquisador: sensibilidade teórica – para perceber a sutileza dos significados, registrar eventos, detectar acontecimentos e manter o equilíbrio entre criatividade e cientificidade; amostra proposital – para escolher os eventos e público que são possíveis de gerarem dados coerentes com as questões iniciais, mas que não serão exclusivos, tudo dependerá do rumo que a pesquisa tomará; memorando e diagramas – memorando para formulação da teoria e diagramas para a categorização e visualização dos dados e conceitos (GLASER; STRAUSS, 1967).

Este método é utilizado quando já se tem um conhecimento mínimo sobre o fenômeno e/ou se requer uma nova perspectiva relacionada ao mesmo. A comparação perpassa todo o desenvolvimento da teoria, seja no levantamento bibliográfico ou empírico dos dados, seja em sua contínua análise, até que eles deixem de produzir novas informações. Strauss e Juliet Corbin (1991) propuseram o “modelo de paradigma” para indicar esse tipo de procedimento de coleta e análise de dados, estruturando-se em: condições causais; fenômeno; contexto; condições intervenientes – tempo, espaço, status econômico ou tecnológico, biografias; estratégias de ação-interação; consequências.

Esta categorização, abrangência e movimento dos dados para formulação de teoria capacita-nos a um pensar mais complexo, transdisciplinar, que não ignora a pesquisa participante, muito menos a pesquisa-ação, comparando-as e complementando-as continuamente como essência e princípios que balizam a grounded theory. Para acrescentarmos o adjetivo “biográfica” à essa teoria fundamentada, faz-se necessário uma identidade na escrita, assinatura autoral defendida pela etnografia.

CONCLUSÃO

Segundo Clifford Geertz (2009), a etnografia assume e defende a subjetividade da assinatura dos textos autorais, algo que a partir da possibilidade de escolhas tanto pelos autores e teóricos que buscamos, quanto pelas metodologias que usamos, já estamos apresentando nossa individualidade. Falta nos reconhecermos como autores e termos coragem de formular novas teorias, por meio do aprofundamento de nossas pesquisas, de, verdadeiramente, interagirmos com nossos campos: observar, participar, conhecer e agir. Os fatos objetivos não serão distorcidos pela visão subjetiva, apenas se permearão de uma nova perspectiva, fundamentada pela análise constante e dialogante entre conceitos e dados.

O receio maior dessa escrita com assinatura é a legitimidade, como forma de cognição, da empatia, do insight, da indução e dedução enviesadas, para descrições dos pensamentos e sentimentos de outras pessoas (GEERTZ, 2009). Como se um autor conseguisse neutralidade absoluta ao formular uma nova teoria. Nossas escolhas nunca são isentas de nossas vivências; mas, de fato, há um risco no quanto investimos de nossas individualidades para categorizar, interpretar dados e formular algo novo. Um estudo mais profundo sobre os teóricos e as publicações de nossas respectivas linhas de pesquisa nos auxiliam quanto à aproximação de um equilíbrio interpretativo entre autonomia na ação e estudo direcionado. Até porque, para sabermos se nossa formulação teórica de fato é nova, há de se pesquisar muito.

A comunidade científica atual tem produzido em ritmo frenético e é sedutor estarmos informados, nem que de forma superficial, sobretudo, ilusoriamente, sobre tudo; o aprofundamento requer tempo debruçado sobre uma temática, enquanto pela tela da vidraça o mundo nos chama e pela tela tecnológica os hipertextos quase nos abduzem passivos. Buscar uma escrita com identidade é uma possibilidade de pularmos a janela em direção ao mundo, adentrarmos as redes cibernéticas de forma ativa, subvertermos a confusão do imaginado como imaginário, do ficcional com o falso, da compreensão de coisas com a invenção delas. A estranha ideia de que a realidade tem uma linguagem em que prefere ser descrita, de que sua própria natureza exige que falemos dela sem espalhafato – pau é pau, pedra é pedra, rosa é rosa –, sob pena de ilusão, invencionice e auto-enfeitiçamento, leva à ideia ainda mais estranha de que, perdido o literalismo, também a realidade se perderá (GEERTZ, 2009, p.183).

Não se trata de negar a linguagem acadêmica, que, de fato, tem uma linguagem própria, muito pelo contrário, a identidade autoral se potencializa e não se restringe com as citações acadêmicas, uma vez que, quando se direciona os devidos créditos aos autores legitimados pela academia, dialoga-se na mesma língua e oportuniza a leitura de nossas próprias formulações teóricas; daí sim, na direção de uma escrita menos literalista. Observação participante, pesquisa-ação ou grounded theory, outrora, já sofreram muita estranheza e, certamente, sofrem ainda por aqueles que as desconhecem como caminhos metodológicos, podendo gerar empatia ou antipatia; mas foram reveladas por seus respectivos autores, audaciosos e inovadores em suas respectivas formulações. Suas legitimações derivaram de coerência acadêmica argumentativa, mas também de abertura relacional empírica.

Jamais conseguiremos representar, para além das teóricas, todas as nossas influências conscientes ou inconsciente, que vão desde nossos pais, amigos e até ilustres desconhecidos que observamos um comportamento e o anexamos ao nosso; mas elas estarão lá, personalizando nossa escrita, pelas escolhas teóricas, metodológicas, interpretativas e, principalmente, elaborais coletivas e ativas; uma transdisciplinaridade mental para uma teoria fundamentada biográfica.

A liberdade se preserva na possibilidade de fazermos escolhas o tempo todo, nenhuma escolha é neutra, depende de nosso contexto e vivências. Hoje acredito que para preservar nossa liberdade de pensamento dentro da academia é preciso descobriremos autores que dialoguem com o que acreditamos e despertem-nos para a curiosidade de novos autores que nos tragam algo estranho, nem sempre familiar, que nos provoque, desconforte. A partir dessa abertura epistemológica, todas as metodologias nos serão caras e encontraremos a que mais se adapte ao que queremos investigar e proporcione uma discussão para além de nossos muros “egóicos”.

Um orientador desafiador, uma banca desafiadora, autores provocativos são sempre semeadores de questionamento, de movimento, para que o novo tenha oportunidade de surgir em um processo ativo e o campo das escolhas se oportunize para que o cultivemos com férteis sementes, para que outros saboreiem de seus frutos, e, se considerarem prudente, reutilizem as sementes que estes frutos guardam.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, David. *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas*. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CHARMAZ, Katy. *Construção da teoria fundamentada: guia prático para análise quantitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- DE VASCONCELLOS, Maria José Esteves. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Papirus Editora, 2003.
- DEMO, Pedro. *Metodologia da Investigação em Educação*. Curitiba: IBPEX, 2005.
- EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez editora, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *Obras e Vidas: O antropólogo como autor*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. *The Discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 1967.
- IRIBARRY, Isac Nikos. *Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe*. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 16, n. 3, p. 483-490, 2003.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2011.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Coleção: Os Pensadores. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MORAES, Maria Cândida. *Da ontologia e epistemologia complexa à metodologia transdisciplinar*. *Revista Terceiro Incluído*, v. 5, n. 1, p. 1-19, 2015.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom; 2001.

_____, Basarab. A evolução transdisciplinar da Universidade, condição para o desenvolvimento sustentável. In: Responsabilidade das universidades para com a sociedade-International Association of Universities-Quarta Conferência Trimestral. Tailândia. 1997.

PINTO, João Bosco Guedes. Pesquisa-Ação: Detalhamento de sua sequência metodológica. Mimeo: Recife, 1989.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2010.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. Basic of qualitative research: grounded theory – procedures and techniques. California: Sage Publication, 1991.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo:Cortez,1985.

TORRES, Rosa Maria. La profesión docente en la era de la informática y la lucha contra la pobreza. In: Séptima Reunión del Comité Regional Intergubernamental del Proyecto Principal de Educación en América Latina y el Caribe, 2001.